

ILUSTRAÇÃO

PORTUGUEZA

II. SERIE

N.º 714

27 de Outubro de 1919

15 c.



STYAR 714

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.  
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 15 ctv.  
Numero avulso em todo o Brazil, 700 réis.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:  
Trimestre ..... 1\$90 ctv.  
Semestre ..... 3\$75 \*  
Ano ..... 7\$50 \*

Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 — LISBOA

## «BRILHANTINA CONCRETA»

de perfume delicioso, amacia e dá um brilho magnifico ao cabelo. Não contém gorduras, pois é um verdadeiro petroleo cristalizado. A unica no genero que se fabrica em Portugal, comparavel ás melhores estrangeiras de Houbigant e Corty.

CADA BOIÃO: 1\$000 réis.

## ULTIMA CREAÇÃO

DA

«PERFUMARIA DA MODA»

5, Rua do Carmo, 7 ◊ ◊ LISBOA



### Corôas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, é na

**Camelia Branca**  
Lº D'ABEGOARIA, 50  
lao (Chiado) - Tel. 3270

### Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Deposito geral no PORTO: Consultorio Dentario J. Matos, Rua Sá da Bandeira, 255. — Em LISBOA: E.

### TONIKIM O ALIMENTO E JUVENTUDE DOS CABELOS

Silva, Rua Arco Bandeira, 207, 2.º E.  
— Em BRAGA: Gomes & Matos, Avenida Central. — No BRAZIL PARA: A. Matos, Rua Padre Prudente, 48.

### Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações .....	500.000\$00
Obrigações .....	288.630\$00
Fundos de reserva e amortização .....	560.000\$00
Escudos .....	1.008.630\$00

SEDE EM LISBOA, proprietaria das fabricas do Prado, marianaia e Sobreirinho (Tomar), Feneo e Casal de Hermo (Louza) Vale Maior (Abergaria-a-Velha), instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. — Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua da Princeza, 276, PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado. — N.º telef.: Lisboa, 000, Porto, 117.

### GABINETE DENTARIO

Direcção Mario Duarte

Clinica de Praça dos Restauradores, 13.

Tel. 3300 e 3652 — LISBOA

### M.ª Tula

Campo Grande, 264, 2.º — LISBOA



Trabalhos só pelo Bem



Esclarece todos os assumptos, cura obsessões de Espiritos e mal occulto, por espiritismo e magnetismo; realisa casamentos, harmonisa perturbações domesticas entre casados ou zangas entre namorados, etc., conduzindo pelo melhor caminho para chegar ao fim desejado e á Felicidade. Consultas a 2\$500, 5\$000 e 10\$000. Enviar 200 para resposta de carta.

## CASAMENTOS

DESEJAM casar-se legalmente uma senhora viuva, brasileira, digna e instruida, de 44 anos, sem filhos, e com fortuna superior a 70 contos, dos quaes a maior parte está em inscricões, e uma menina orfã, de 19 anos de idade actualmente num recolhimento, instruida, elegante, filha de distinta familia, com dote de 38 contos, com homens honestos e que possam provar a sua dignidade, exigindo-se serias informaçoes, embora não possuam grandes meios. Quem se julgue nas condições dirija-se (com selo para resposta) a **M.ª Club de New-York-Porto**. Responde-se a todas as cartas e guarda-se absoluto segredo. Esta casa já tem realizado distintos casamentos em Portugal e outros meios que já estão em relações directas.

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 714

Lisboa, 27 de Outubro de 1919

15 Centavos

## CRONICA

### UM PRINCIPE INFELIZ

Não crêmos que o ex-infante D. Afonso, duque do Porto, se encontre em precárias circunstâncias, apesar do custo exagerado das subsistências, que em toda a parte se faz sentir, tanto mais que o tio do ex-rei D. Manuel nunca foi dado a ostentações superfluas, bastando-lhe, para viver sem queixumes, o que a lista civil lhe assinava. No entanto, são de atender as reclamações de sua esposa, se na verdade se nega a sua alteza aquilo que lhe pertence, e é muito de censurar o desdém a que tem sido votadas essas reclamações, a ponto de ficarem sem resposta as dezenas de cartas em que tem sido formuladas.

Onde está a galanteria portuguesa, que com tanta indiferença trata uma senhora? Tão arredados andamos, absorvidos pelas grosseiras preocupações do momento presente, que nada reste já em corações portugueses, d'aquella fidalga cortezia que enlevava as damas e nos valeu em todo o mundo fama de bem educados?

Responda-se, pois, á sr.ª duquesa. Em todo o caso, se realmente o seu apêlo tem como origem a necessidade de socorros pecuniarios, a esta hora deve estar satisfeita, porque a carta que velu a lume no «Seculo» decerto determinou o termo immediato das angustias do casal: os velhos amigos da real familia, alguns dos quais vivem na abundancia e não se tem poupado a despesas para restaurar o trono, não tardarão em socorrer o infeliz exilado, cujas atribulações não são para chacota.

### SANTOS

E' consolador, na hora do egoismo que atravessamos, ver que a virtude mais tarde ou mais cedo — mais tarde do que cedo — acaba por ser devidamente premiada. Que recebe sempre o premio no outro mundo, caso é esse que ninguem contesta, mas não deixa tambem de ser agradavel o saber-se que uma vez por outra o recebe neste, embora já o não possa gozar materialmente.

Vêm estas observações a proposito de varias canonizações e beatificações a que se vai proceder no Vaticano, nada menos de onze, na totalidade; os santos, isto é, aqueles a quem o Concilio vai conceder a honra de ter altar nas igrejas, são quatro, os sete restantes esperam a sua vez, como candidatos habilitados.

Explica-nos individuo muito sabedor neste particular, que tais honrarias só são tributadas muitos anos depois da passagem do bemaventurado por este vale de lagrimas e quando a familia do mesmo esteja extinta, para evitar vaidades. Sábia medida é essa, e ainda bem que nos foi revelada, sem isso, o trecho do telegrama de Roma, que nos deu a noticia, «estão sendo feitos já os preparativos para as

respectivas ceremonias, sendo provavel tambem a canonisação do beato Teofilo» deixar-nos-ia em graves duvidas sobre se este beato Teofilo seria um que nós conhecemos. Evidentemente, não é ele.

### O MARQUEZ DE POMBAL

Fala-se novamente na trasladação dos restos de Sebastião José de Carvalho e Melo, o grande marquez de Pombal, para a igreja dos Jeronimos e vai iniciar-se com esse fim um movimento de caracter nacional, para o que, parece, já se deram os primeiros passos. Ficar-se-ha, porém, por aqui, militando contra a iniciativa, como de costume, razões de pequena monta, apparentes talvez, a occultar um odio que nunca se apagará?

Seja como fôr, o agitar-se a questão é já de resultados salutareis: durante algum tempo o nome do maior dos nossos estadistas ouvir-se-ha e escrever-se-ha com insistencia e a esse nome ligar-se-hão factos que é bom recordar em ocasiões de calamidades, que se anunciem próximas.

### A GRÉVE DOS BARBEIROS

De todas as «grèves» que temos sofrido — sofrido é o termo — algumas d'elas acarretando enormes prejuizos e provocando enormes perturbações, nenhuma logrou interessar tanto o lisboeta como a dos officaes de barbeiro, exigindo ordenados que de modo algum os patrões poderiam dar se continuassem a fornecer a obra pelos preços antigos. E, afinal, que consequencias podia ter para o publico a attitude d'aqueles artistas, se não fossem atendidas?

Quanto ao sexo forte, na peor das hipoteses, isto é, para as pessoas que não se sabem servir d'uma navalha de barba, o que aconteceria seria o ter de deixar crescer até ao maximo o cabelo da face e o do craneo, conforme as leis que a natureza ditou e como seria curial, porque não é provavel que a natureza tenha criado inutilidades.

Quanto ao sexo fraco, dir-se-ha que os transtornos ainda seriam menores, visto que, em geral, não é imberbe e não usa cortar o cabelo.

E' certo, mas quanto a nós foi precisamente a mulher a causadora das inquietações que n'outras grèves se não notaram.

Porque quer o homem alindar-se? Certamente não é para parecer bem aos individuos do seu sexo. Mais uma vez o «cherchez la femme» explica o que parece inexplicavel.

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira).



# A ALMA DE COLOMBINA

(IMITAÇÃO)

por BARBOSA SUEIRO

ILUSTRAÇÕES de JORGE BARRADAS

**E**STA historieta tem seu quê de trágica, mesmo sem que haja sangue a enodoá-la, pois a tragédia, no fim de contas, é mais o embate das paixões do que a apoteose ao punhal cravado em peitos sentimentais.

Pierrot amava Colombina, não sei se os senhores sabiam... Isto conta-se num momento. Pierrot e Colombina, em pequeninos, andaram juntos no colégio, usava êle então saínhas e ela o cabelo sôlto costas abaixo. Julgo que aí começaram a amar-se — como as crianças se amam, sem no dizerem, sem no saberem. Mais tarde Pierrot foi para o liceu, na aspiração de vir a ser doutor, e Colombina foi para casa à espera de casamento. Os anos correram, êle sem conseguir penetrar nos mistérios do latim nem nos da álgebra, ela bordando almofadões côr de rosa.

Nas noites belas, de grande poesia e luar, Pierrot serenava na rua de Colombina, garganteando a primor, com acompanhamento de guitarra em tom menor, certo fadinho que êle sabia:

*O' lua, pálida lua!  
P'ra que me fazes sofrer?...*

Ela acordava num espreguiçamento, como se o som da voz do trovador fôsse um beijo suave, pousando-lhe nos lábios. Em seguida Pierrot cantava-lhe *A Judia* (estava então no apogeu o romantismo), com modulações laringeas idílicas e suspiros entenedores. Colombina, chocada no âmago do sentimento, vá de se torcer entre lençóis e de chorar as doces lágrimas da pieguice levada ao extremo com seu nadinha de histerismo á mistura.

Para simplificar a narrativa, venho a dizer-lhes que Pierrot, nunca tendo levantado uma ponta sequer do veu que lhe encobria os mistérios do latim e da matemática, arrumou a vidinha, isto é, atirou os livros para o ar e fez-se violinista, no que, diga-se em abono da verdade, se desempenhava com segura vocação.

Colombina tinha olhos negros, rasgados e expressivos, espelhos duma grande alma immaculada. Os seus cabelos eram negros também, como azeviche, bastos e sedosos, duma perfeita beleza meridional. Magra e delicada, possuía a elegância delgada e nervosa de todas as morenas. Além disso Colombina era burguesa, banal — pode-se ter uma grande alma immaculada e ser-se tudo quanto há de mais burguês e de mais banal — donde os senhores vêem que a pobre rapariga de forma nenhuma viria a casar com um violinista, amasse-o ou não, porque nem mesmo o papá o consentiria jámais.

Intercala-se aqui o aparecimento de Arlequim, alferes de cavalaria, e Colombina, deslumbrada pelo oiro dos galões e os encarnados da farda, auxiliando-se dum pouquinho de boa vontade, repudiou o seu antigo grande amor por Pierrot.



Aliás ela, num lindo movimento de coração apaixonado, certo dia em que Pierrot passava abatido por atroz desespero, atirou-lhe a frase terrena de heroína sacrificada:

— Pierrot, Pierrot! A minha alma é tua, será sempre tua! Arlequim só terá de mim o corpo. A alma, essa é tua, dou-ta!...

E Pierrot seguiu empertigado como a fatalidade; apenas dos olhos mortiços o seu amor imenso lhe perlava em lágrimas limpidas e suaves.

Certa noite em que Pierrot tirava no seu violino as notas risonhas da *Marcha nupcial de Lohengrin*, Arlequim e Colombina trocavam o beijo nupcial, um beijo frio onde a alma imaculada dela não se comprometia.

Pierrot, que ao tempo era artista já consagrado, tornou-se num grande artista: nem ha como um desgosto de amor para avivar em corações de artistas o fogareu do gênio. Mas esse mesmo desgosto fez aparecer-lhe tendências para o andrajo, amizades de boémia, tornou-se Pierrot heroi de Murger, capaz de ter talento a rôdo, preferindo porém ter vinho a rôdo.

Ah pobre Pierrot sem Colombina, qual violino sem alma! Ela dera-lhe uma alma, a sua alma imaculada de morenita, mas Pierrot nunca recebera tal dádiva preciosa. E, se recebera, que lhe teria êle dado em troca? O seu amor e uma cabana? As canções tristonhas do violino?

Ah pobre Pierrot sem Colombina!

Terça feira gorda. Na ampla sala de baile as máscaras esfervilham em formigueiro humano. Labuta-se na bacanal da dança.

Pierrot, na orquestra, está alegre e vai modulando a cadência risonha e saltitante duma valsa doidejante. Colombina veio: todas as Colombinas, incluindo as honestas, teem a sua terça-feira gorda.

Surge Polichinelo, fidalgote endinheirado, inteligência enfatuada, *poseur* vulgar, por officio conquistador de donzelas — nunca ama, não se casa, mas vence constantemente. Tinha de ser Colombina a vítima dessa noite.

No turbilhão da valsa Polichinelo arrasta-a, tenta-a, enleia-a na teia dos seus galanteios.

— Colombina, dá-me a tua alma imaculada.

— Não! Dou-te o corpo... A minha alma é de Pierrot.

— Mas também o teu corpo é de Arlequim...

— Deixá-lo! Eu dou-to!

Lá longe, Pierrot absorve-se na execução pulada da valsa sem fim.

— Arlequim não sabe amar-te, Pierrot esqueceu-te... Colombina dá-me a tua alma.

— Não, não! Dei-a a Pierrot.

Finda a valsa; a orquestra esmorece a entreter-se numa selecção do *Carnaval de Veneza*.

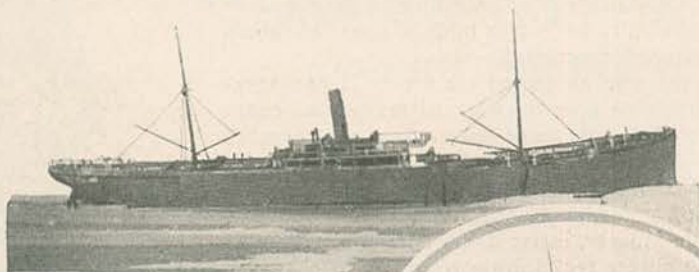
E Colombina fraqueja, dá os lábios a Polichinelo que num beijo longo, lhe rouba a alma imaculada. Pierrot, dedilhando ágil nas melodias de Strauss, vê bem que a alma de Colombina, essa alma que ela lhe dera e êle nunca possuía, possui-a agora definitivamente, o fútil Polichinelo.

E' sempre um Polichinelo que rouba a alma das Colombinas.



# Uma Grande Obra da Engenharia Portuguesa

## COMO SE SALVOU O DESERTAS



A torre dos Clerigos (75<sup>m</sup>) e o monumento do Rossio (27<sup>m</sup>) comparados com o «Desertas».

O «Desertas»  
Posição do navio encalhado

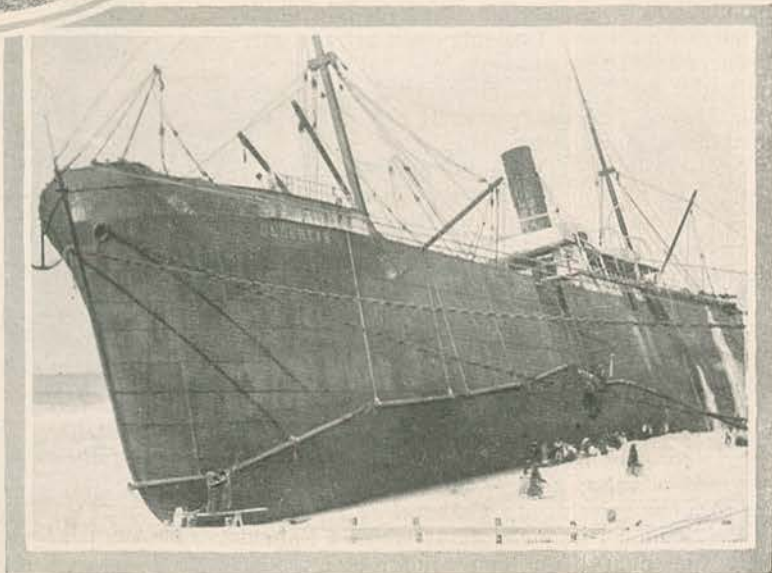
onde carregaria toros de pinheiro para Inglaterra, com bom tempo e mar chão, até às 6 horas do dia 16, em que avistou o farol da Luz. Pairou essa noite fóra do porto, mas como depois das 16 horas o vento começasse a refrescar pelo S. W., carregando-se



Início dos trabalhos. O canal a dragar.

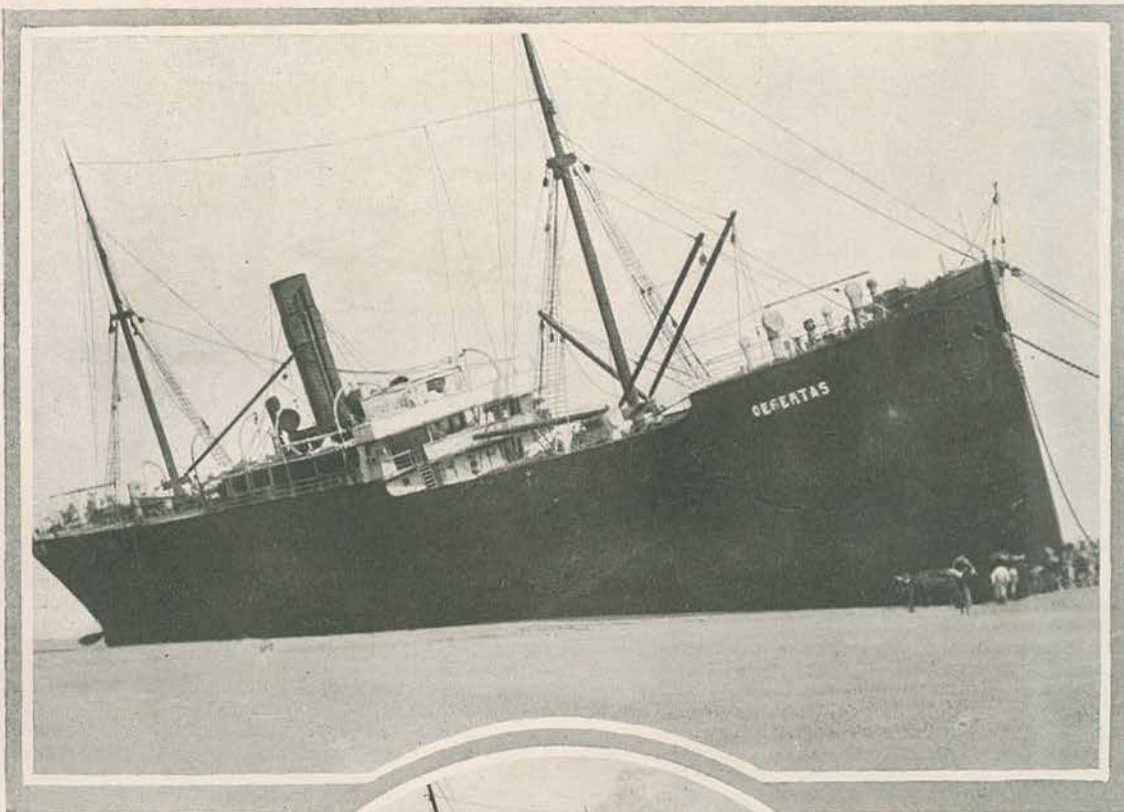
**Q**UANDO em 23 de Fevereiro de 1916 o governo português requisitou os navios alemães, encontrava-se no porto do Funchal o grande vapor «Hochfeld», construído em 1895 nos estaleiros de Flensburg, de 3.689 toneladas brutas e 6.693<sup>m<sup>3</sup></sup> de capacidade de carga, com 112<sup>m</sup>,47 de comprimento, 12<sup>m</sup>,75 de largura e 7<sup>m</sup>,84 de calado, duas caldeiras de dupla frente e uma máquina de triplíce expansão da potencia de 1:300 cavalos. Como a sua tripulação lhe tivesse causado avarias, foram estas reparadas sob a direção do maquinista da marinha mercante William Lloyd e veio para o nosso porto, onde lhe foi dado o nome de «Desertas» e completou essas reparações, sendo então entregue á casa Torlades, como representante da Furness, no dia 9 de novembro dêsse anno.

No dia 15 saiu de Lisboa em lastro para Leixões,



Quando em 6-3-1918 se iniciaram os trabalhos. O navio na praia visto do lado de terra. Tentativa das bombas.

a atmosfera, ás 19 horas virou para fóra e correu para o mar com rumo S. W. para se afastar da costa. A's 18 horas do dia seguinte, com muito mar e vento fortissi-



Em 6-3-1918. O navio na praia visto do lado do mar.

mo de W. S. W., o navio começou a não obedecer ao leme, «por a pressão nas caldeiras ser pouca» — diz o comandante — «e o pessoal de fogo estar quasi todo enjoado». Içar em uma vela triangular, mas de nada serviu, tendo de virar para o sul, visto que era grande o aquecimento para a costa e o navio continuava a não obedecer ao leme.

A's 10,15 o 1.º maquinista comunicou que o conden-

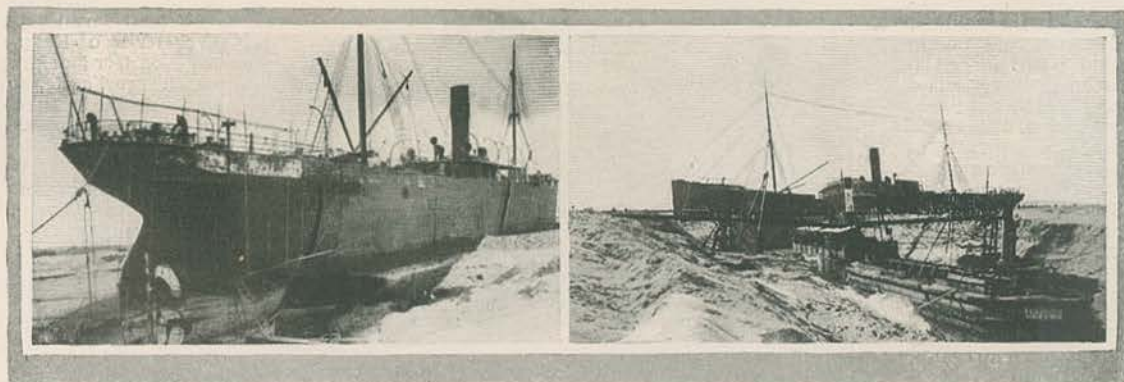


Barco de pesca transformado em draga que recebe vapor das caldeiras do navio por tubos flexíveis, mostrando-se a parte do lago que, em volta do navio foi aberta por ele.

sador fazia má circulação, parando-se a máquina até ás 10,30. Mas o navio não obedecia. A's 14 avistaram o farol de Aveiro ao S. 4 S. E. magnetico, a 14 milhas, continuando o barco a cair para terra. Vendo que não montava a costa, fizeram sinais de socorro, com foguetões, fogachos e apitos constantes. A's 18,30 içaram os sinais de socorro imediato.

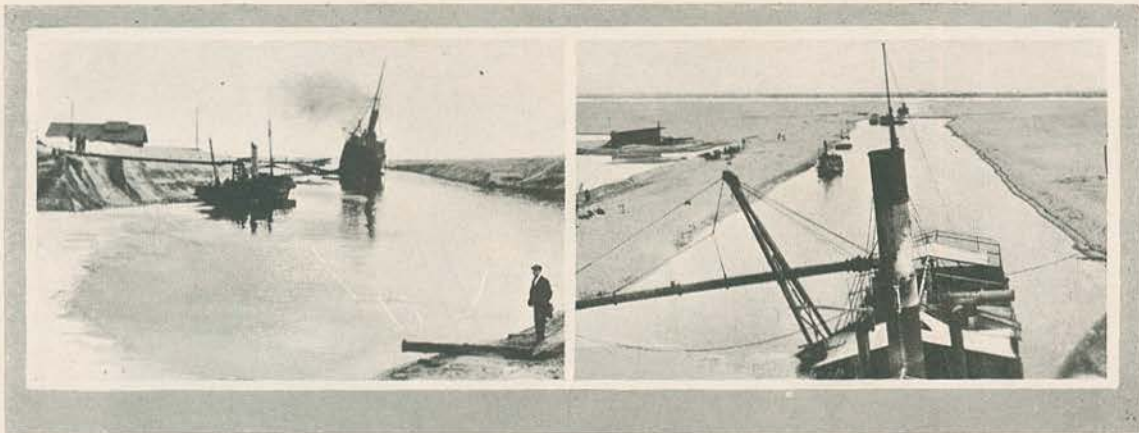
A's 19 horas reunida toda a tripulação, foi-lhe comunicado que o na-

vio não montava a costa, deliberando-se por acordo to-



O rombo.—Junto, trabalhadores e operarios.

Da draga para o navio. O que faltava abrir.



O «Formiga» fazendo o assoramento do canal do lado do mar. O navio fluctuando no canal.

Vista tirada da prôa do navio, mostrando o que ele tem que andar ainda. (em 25-11-1919)

tal, aproar o navio onde fosse mais conveniente, para salvar as vidas, pois ele estava perdido.

Eram 20 horas quando se produziu o encalhe, 20 metros ao norte de Vagueira e a 4 milhas ao sul do farol de Aveiro

Comunicado o caso para Inglaterra, vieram a Portugal primeiro o capitão Douglas e depois o capitão Shotten, os quais manifestaram a opinião de que o salvamento do navio devia fazer-se pelo lado do mar, através do banco de areia que existe ao longo da costa.

A vinda desses delegados levou, porém, tempo, tendo-se deixado o navio abandonado à mercê do mar e dos habitantes das proximidades, que o saquearam. Os primeiros trabalhos foram morosos, aguardando-se a remessa de aparelhos de Inglaterra e pondo-se ao seu serviço o rebocador «Patrão Lopes».

Em junho de 1917 surge um conflito entre o capitão Shotten, o comandante e o maquinista do navio, prolongando-se até que estes últimos foram substituídos pelos srs. José Casimiro Rosario e Antonio Mendes Barata, que no seu relatório verificaram nada se ter feito para salvar o «Desertas».

As tentativas de salvamento sofreram uma nova demora, apesar de todas as instancias em contrario, vindo em novembro o sr. Portugal Durão dar-lhes um novo impulso, no intuito de salva-lo pelo mar, segundo a opinião dos delegados britânicos.

Mas foi sol de pouca cura. A revolução de dezembro inutilizou esses bons des-jeos, ninguém pensando mais em salvar o navio.

Em 22 de janeiro de 1918 um telegrama comunicava que o porão fôra arrombado da 3.ª coberta para baixo, mas isso em nada alarmou as entidades officias. No dia seguinte, sendo comandante do navio o sr. Jorge Camacho e maquinista o sr. Ernesto Santiago, foram abordados pelo delegado inglês Douglas, que queria que o navio fosse entregue á «Salvage Assotiation of London», visto que estava perdido por completo e devia, por isso, começar a desmanchar-se. Aqueles distintos officiais recusaram-se, porém, a entregal-o, aguardando a chegada do delegado dos Transportes do Estado sr. Barata.



O deserto de areia. Vis'a tirada da ré do «Desertas».

Em principios de fevereiro, sendo ministro do trabalho o capitão sr. Feliciano da Costa, foi ali com os srs. Mendes Barata e Brito do Rio, repetindo os ingleses que o «Desertas» estava perdido. O ministro consultou o sr. Barata, que foi de opinião que o navio se salvava, desde que se quizesse gastar dinheiro, concordando aquele e pondo á sua disposição todos os elementos de que carecesse para esse efeito e autorizando a cedencia da draga «Mondego», de Viana do Castelo.

Começa aqui a grande, formidável odisseia. A burocracia, o pessimo serviço de transportes, a papelada, as grèves, as revoluções, tudo se conluiou para cançar a paciencia e exgotar a boa vontade dos illustres marinheiros que meteram hombros á rude tarefa do salvamento.

O que o sr. Barata nos contou é de estarrecer. Não vale a pena repetil-o aqui, bastando que se diga que as ferramentas enviadas para Aveiro raro chegavam ao seu destino e que a cedencia da draga «Mondego» foi uma tragedia superior a quantas se conhecem, a tal ponto que, podendo o navio ter saído para o mar em agosto de 1918, só d'aqui a dois mezes o fará.

Todos os dias, a todas as horas surgiam contratempos e contrariedades, sofrendo-se dissabores de toda a especie.

Apesar de tudo, a faina iniciou-se em seguida á autorisação ministerial, começando homens e mulheres a retirar a areia de volta do navio e a colocar estacaria, para melhorar a sua situação.

Só, porém, em 1 de junho de 1918 pôde iniciar-se a abertura do canal, que ligaria o navio com a ria, pois o sr. Barata foi de opinião de que o salvamento não podia fazer-se pelo mar, devendo meter-se o «Desertas» pela terra dentro até alcançar a ria, ao longo da qual ganharia depois a barra de Aveiro.

A tentativa era arrojada, mas confiava-se no seu exito. O valor do navio orçava então por 1:200 contos. Valia a pena salva-lo.

Orçada a despesa provavel dos trabalhos a realizar, verificou-se que ela não iria além de 300 contos, dando assim o salvamento um saldo positivo e immediato de 900 contos.



Mãos á obra, pois. Com boa vontade da parte de todos, o «Desertas» continuaria a navegar, contribuindo pa-



dragagem aproximada de 4:800<sup>m</sup>³ por dia, o canal estaria aberto no prazo de 75 dias.

A abertura do canal custaria 64:722\$, com uma



A bastecimento do navio de agua doce.

A draga «Mondego» á entrada do canal, no fim de 5 dias de trabalho, vista de lado.



Os primeiros concertos.

Armazem de material. Da esquerda para a direita Bernardo Manuel, engenheiro m aquinista; com andante Camacho e 1.º maquinista de navio Santiago.



Vista tirada do navio. As dragas, o armazem e a oficina.



ra a vitória dos aliados.

A despeza diária com a draga «Mondego» foi orçada em 483\$00, gastando-se mensalmente com o pessoal 910\$00.

O canal seria do comprimento de 900 metros, com 30 de largura, para o que seria necessario dragar 360:000<sup>m</sup>³ de areia. Calculando-se uma



A «Mondego» no fim de 54 dias de trabalho. Da draga para o navio.

O canal visto do navio no fim de 75 dias de trabalho.

Aspéto do canal depois do desastre de 2) de Setembro. Barreira feita em 7 horas para evitar novas invasões das marés.



A draga «Aveiro» em reparações no canal.



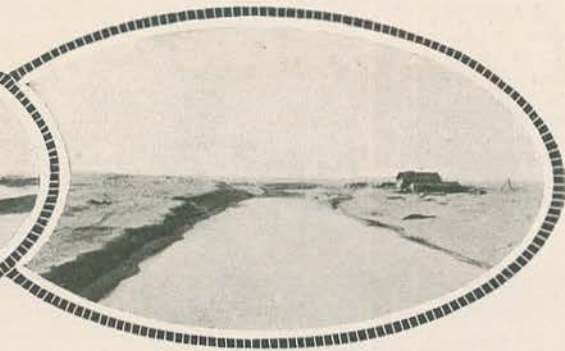
A oficina e armazem depois do desastre de 2) de Setembro.

despeza diária de 483\$00.

A despeza total seria, pouco mais ou menos, a seguinte:



O sitio onde estava o «Desertas» já assariado.



Vista mostrando o que o navio andou já.

Dragagem do canal.....	64:722\$00
» na ria.....	4:830\$00
Trabalhos em terra e a bordo.....	18:000\$00
Despeza com o pessoal durante 5 mezes a 2:000\$00 por mês.....	10:000\$00
Pessoal extraordinario.....	12:000\$00
Abertura de uma ponte e colocação da defnltiva.....	6:000\$00
Soma.....	115:552\$00
Reparação do rombo.....	90:000\$00
» das caldeiras e chaminé.....	38:000\$00
» dos guinchos e molinete.....	6:600\$00
» das instalações electricas.....	8:000\$00
Outras despezas.....	18:000\$00
Soma.....	160:600\$00

#### ORÇAMENTO TOTAL

Para tirar o navio.....	115:552\$00
Reparações.....	160:600\$00
Imprevistos.....	22:350\$00
Soma total.....	298:502\$00

Os 300 contos a que acima nos referimos. Os calculos, porém, falharam, a favor e contra o Estado. A «Mondogo» chegou a dragar 300<sup>m</sup>3 por hora, mas em vez das 3,5 toneladas de carvão que lhe estavam arbitradas por dia e se pagavam a 100\$00 a tonelada, chegou a consumir 6 e 7. E, a par dos que a burocracia originou, outros contratamentos surgiram: o violento temporal que rebentou em 20 de setembro daquele ano (1918) e inutilisou em grandissima parte os trabalhos já realizados da abertura do canal, e a necessidade de dragar a ria em consideraveis extensões para que o navio pudesse navegar. Aquele poderia ter-se evitado, se os serviços

oficiais e ferro-viarios, as revoluções e as demoras burocraticas o tivessem querido, pois quando o temporal rebentou, o navio estaria já no mar.

O trabalho nêsse momento foi brutal, conseguindo os trabalhadores construir uma barreira em 7 horas, para evitar nova invasão do canal. E quatro dias depois do prazo marcado para a abertura do canal estabelecia-se a ligação com a ria, «malgré tout». Aquele construiu-se, pois, em 79 dias. Em 4 de novembro de 1918 estava de novo restabelecida a ligação da bacia do navio com o canal e no dia 9 do mesmo mês começava o «Desertas» a entrar nêle.

Deu-se ainda uma nova invasão do mar, que destruiu uma barreira, mas o prejuizo reparou-se.

Até hoje o «Desertas» percorreu já cerca de 4 quilometros, faltando-lhe ainda aproximadamente 2 quilometros para chegar á barra, o que fará, segundo calculo do sr. Mendes Barata, em menos de dois mezes. Ainda ha dias se recebeu em Lisboa comunicação de um avanço de 200 metros.

A rude labuta de trabalhadores e marinheiros está a findar.

A engenharia portugûesa ficará tendo no salvamento do «Desertas» um dos seus actos mais brilhantes, honrando-a aos olhos de toda a gente. Quando todos supunham o «Desertas» perdido para sempre, um ilustre engenheiro portugûes, o sr. Antonio Mendes Barata, entrega-o ao seu país são e salvo, pronto a receber no seu formidavel arcaboço as mercadorias indispensaveis para o governo da nação, levando a toda a parte no alto dos seus mastros a bandeira de Portugal.

MARIO SALGUEIRO.

## UMA CERIMONIA COMOVENTE EM St. MIHEL (FRANÇA)



No cemiterio franco-americano de Vaux-Ro-niro. As alunas das escolas officias depositando flores nas campas dos heroes que ali dormem o sono eterno.

# O Encanto da Paizagem

## ELOGIO DE CINTRA

*A vila de Cintra, a umas quinze milhas da capital, é talvez a todos os respeitois a mais deliciosa da Europa... Une em si mesmo toda a rusticidade das serranias com a verdura do sul da França.*

BYRON

A paizagem de sonho tão querida dos poetas e dos devaneadores, paizagem umbrosa, recanto de mundo de que a natureza fez jardim, em parte nenhuma do mundo vive o seu esplendor e a sua melancolica doçura como em Cintra. Byron quando lá chegou, crespo e azedo contra os portuguezes, teve um deslumbramento e chamou-lhe *Eden terreal*. Strauss, o musico celebre que a morte ha pouco acaba da levar, ao chegar a Cintra confessou que nada tinha visto no mundo que comparar se lhe podesse. Nem a Italia, a Secilia, a Grecia, o Egipto, nada do que ele tinha visto valiam aquela Cintra que parece feita para entender a alma dos poetas e dos enamorados.

Evocando o *Parsifal* dizia erguendo a cabeça inspirada para a Pena: — «Este é o verdadeiro jardim de Klingsor; e lá no alto está o castelo do Santo Graal.»

Não era apenas o aspéto de corativo, scenografico que o poeta inglez e o musico alemão sentiam. Era a alma de Cintra que está suspensa nas suas ramarias, franças verdejantes, ou elegiacas folhas que tombam, sussurrando queixumes, carpindo maguas, soluçando elegias, segredando amores. Era essa alma que eles entendendiam, era essa alma que lhes falava.

A paizagem de Cintra é uma paizagem que não tem similar. E como tal tem um encanto proprio, um encanto que não é o da paizagem do



Bussaco, nem o da paizagem de Coimbra. No Bussaco fillosa-se, em Coimbra, guitarreia-se e canta-se. Em Cintra ama-se. O Bussaco domiina pe-

lo grandioso, Coimbra atráe pela doçura, Cintra fascina pela melancolica poesia, pela grandeza encantadora. Cintra! A paizagem de Cintra! «Ai de mim! que pena ou que pinzel logrará já-

mais dizer a metade sequer das belezas d'estas vistas mais deslumbrantes que ess'outras em que fala o poeta que abriu ao mundo, tomado de espanto, as portas do Ely-sio?» Como Byron a gente pode dizer a mesma cousa. É que, como dizia Junqueiro, se comunga a paisagem, tão triste e tão graciosa, tão amiga e tão severa, tão grande e ao mesmo tempo tão doce e tão agasalhadora. Não. A alma de Cintra, a alma lendaria e queixosa é uma alma sem par. E quando a cabeleira de sonho do nevoeiro envolve o seu castelo, Cintra transida e triste, scisma.

Ha quem diga que outrora essa alma foi batalhadora e féra. Puro engano. A alma de

Cintra é a alma da sua paisagem. E a paisagem de Cintra nunca fará guerreiros. Póde fazer frades, póde fazer poetas. Guerreiros não. Nem mesmo quando os ventos furiosos perpassam na sua galopada feroz atravez das arvores, nem quando a chuva faz tranzir os velhos troncos centenários, e o raio e o trovão fendem e enchem o vale de horrído estampido. Nem quando na costa a onda mugindo tudo abala, despedaça e espanta. Nem quando a sombra desce em pleno dia para em pleno dia fazer noite plena. Não é a alma de um guerreiro é a alma de um poeta em furia porque até na tempestade empresta ao cenário inéditas e inconfundiveis belezas. Só sabe sentir quem sabe amar. Talvez por isso, os espiritos sublimes que o Destino fadou enormes, deante de Cintra só sabem admirar e teem perante o encanto da sua paisagem o extasi e o enternecimento que só a Beleza e o Amor sabem inspirar.

Por isso Cintra será para todo o sempre a paisagem a que mais querem os tristes, os poetas e os namorados.

Por isso Cintra ficará eternamente a eterna melancolica amada de todos, por todos admirada, cheia de lenda, cheia de misterio, cheia de sugestiva e dulcerosa suaví-



Volta de caminho



Estrada soalhenta

dade e encanto. E se quem não viu Sevilha não viu maravilha, quem não viu Lisboa não viu cousa boa, e quem não admira o u Coimbra não viu coisa linda, que se dirá de quem aomenos uma vez na vida não viu Cintra e não sentiu, na grandiosidade do ceu e do arvoredo, da

Trecho de romance



Ao cair da tarde

(«Clichés» do sr. dr. José Augusto Fragoso Fernandes).

montanha e do mar, palpitar a alma da encantada e maravilhosa Cintra — a eternamente amada e bela.

# O SANATORIO MARITIMO DO NORTE

## Na Praia de Valadares

### Uma Grande Obra em Realização

por JOÃO PAULO FREIRE (MARIO)



Sr. João Paulo Freire  
(«Mario»).

O sol, o mar e a cura. — Como se pôde triunfar da Morte. — Um trabalho notavel de altruismo. — O que os ricos podem fazer.

UMA tarde, no confortavel «hall» do Hotel Termal das Caldas da Saude, o infatigavel e illustre delegado geral do Ministerio dos Abastecimentos no Norte, sr. Ramiro Bastos Mourão, fazia-me calorosamente a apologia da obra benemerita do Sanatorio Maritimo do Norte, na Praia de Valadares. E como eu me mostrasse

entusiasmado com a descrição, Bastos Mourão, interrogou-me:

— Quer você dar um passeio até lá?

— Aceitei e fui. Das Caldas da Saude ao Porto é um agradável passeio de automovel, atravessando Santo Tirso, a mais graciosa terra minhota que eu conheço, reclinada à beira do Ave, e galgando a montanha pitoresca que nos leva a Ermesinde. Uma hora sem grandes velocidades. Do Porto a Valadares meia hora. Atravessa-se a linha ferrea, corta-se à direita, e lá ao fundo junto ao mar, divisa-se o Sanatorio, ainda em obras apenas com a parte central e a ala direita já concluidas.

Varios amigos do Sanatorio são-me apresentados. Entre eles o dr. Ferreira Alves, figura insinuante de apostolo, alma devotada de medico, seu fundador e seu director.

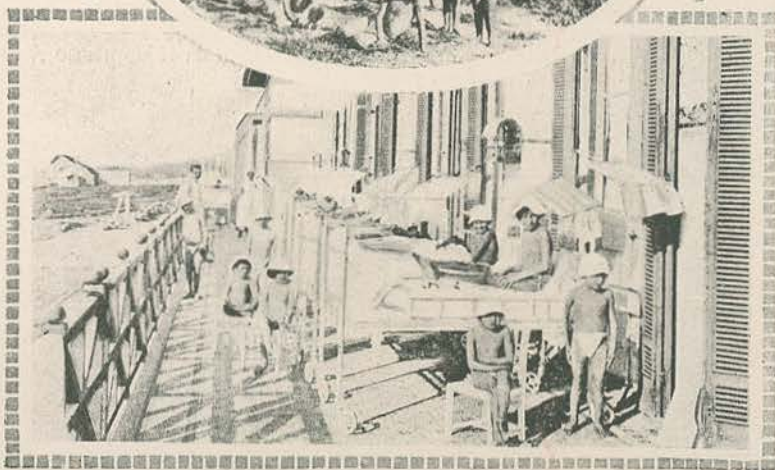
A praia de Valadares, que o mar namora e beija sem impétos de selvagem, é uma irmã formosissima das praias de ao pé do Porto, n'aquella facha que vae da Granja á Povoia de Varzim, entre o mar sempre belo e uma paisagem maravilhosa de pinheiras e povoados.

Visito o sanatorio. Muito ar, muita luz, muito sol, sempre muito sol e muitas flores. Nas varandas largas

e espaçosas que olham o mar, a do's passos, creanças nuas, sobre camas apropriadas, tomam o seu banho de sol — nêgros como pretinhos, risinhos como que-rubins.

Mostram-me fotografias. Compara-as. Ha curas maravilhosas. Casos de escrofulo-tuberculose «incuráveis», perfeitamente curados n'um ano de tratamento!

Volto-me para o dr. Ferreira Alves, como a interrogar-o, como a inquirir qual foi a mola oculta que fez nascer a idéa do Sanatorio, e que sustenta hoje essa admiravel fabrica de futuros homens válidos. E logo o dr. Ferreira Alves, com as lagrimas a baixarem-lhe nos



Cura de sol

olhos tranquilos:

— Tudo isto se deve a um dos meus filhos. Escrofulo-tuberculoso, era uma miséria fisiologica que todos os meus colegas e eu proprio reputavamos perdido. Um



Fachada principal

dia, como unico recurso, tentei os banhos de sol. O milagre deu-se. Foi a ressurreição. Da cura do meu pequeno nasceu a idéa de cuidar em larga escala de tantos desgraçados nas mesmas condições. D'aí o Sanatório, todo feito a expensas das almas boas, levantado e mantido á custa de dadas generosas, de corações magnanimos.

E o dr. Alves, olhos de iluminado, olhando as crianças, dizia-me, cheio d'aquela fé com que se realiam todos os grandes ideais:

—E a minha obra por certo não morrerá já agora. Outras dadas, outros bemsfeitos, não de vir, e não de fazer com que o Sanatório Marítimo do Norte realise por completo os seus fins de benemerencia e de patriotismo!

E eu tive pena n'essa altura de não ter milhões para tornar realidade imediata o sonho bemsfeito d'este medico, que está realizando, dentro da humildade da sua modestia, a obra mais grandiosa que um português podia conceber e pôr em pratica.

E a todos os portugueses, meus irmãos, eu digo: visitae o Sanatório Marítimo do Norte. E não preciso acrescentar mais palavra. Perante as curas maravilhosas d'esse sanatório, não ha bolsa de rico que permaneça fechada. E é precisamente do dinheiro dos ricos e de todos os que amam o Portugal válido de amanhã, que ha de sair o engrandecimento d'essa humanitaria forja de bem fazer.

Era noite já quando deixámos o Sanatório. O mar como um grande lago sereno e meigo, beijava ao de leve a praia, que um doce crepusculo envolvia n'uma tranquilla serenidade de bemsfeito. E no meu espirito gravava-se melhor as palavras de



Cura de sol

Nuno Simões, que eu acabara de ler no livro dos visitantes: «A verdadeira compreensão da vida resume-se em cada um espalhar a sua parce'a de beleza e de bondade. N'este admiravel recinto de bondade cultivava-se a beleza. Atingiu a mais alta compreensão da vida quem o realizou.»

Lisboa, outubro de 1919.



Fachada posterior (voltada ao mar)

Projéto de Oliveira Ferreira

# O Banquete da Colonia Portuguesa ao Sr. PAULO BARRETO. · NO SALÃO do Club Gymnastico Portuguez ·



Aspéto do banquete que a Colonia Portuguesa do Rio de Janeiro deu a Paulo Barreto (João do Rio) como homenagem e testemunho de gratidão pelas constantes manifestações de simpatia por ele dadas ao nosso paiz.

# Vida Artística

Exposição de pintura na Figueira da Foz



António Piedade



Um aspecto da exposição



Olhão Luiz



PARA A PESCA.  
Por Olhão Luiz



P'RA TAVAREDE.  
Por António Piedade.

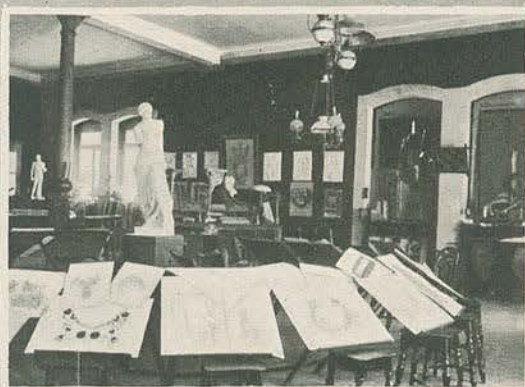


GAITEIROS  
Por Olhão Luiz

## Na Escola Industrial Fradesso da Silveira, de Portalegre

Exposição de trabalhos escolares

Olhão Luiz e António Piedade, dois artistas de valor, realizaram ultimamente na Figueira da Foz uma exposição de arte, que foi muitíssimo apreciada, sendo a crítica unânime em reconhecer as qualidades e o valor dos artistas e das obras



expostas. Também em Portalegre, na Escola Fradesso da Silveira, proficientemente dirigida pelo sr. Abel Santos, um artista, os alunos realizaram uma exposição de que a nossa gravura mostra um belo aspecto.





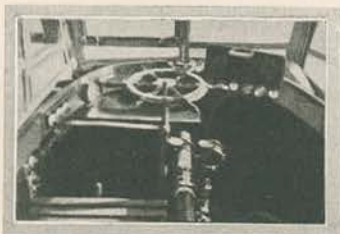
Um «C. M. Bs.», de 55 pés em grande velocidade

## A VELOCIDADE E AS LANCHAS AUTOMOVEIS

O que um antigo navio da era dos Descobrimientos fazia em tres mezes e meio faz hoje um d'esses elegantes barcos, rapidos como a flecha, em 10 horas e meia, quando muito. Assim o que antigamente era heroismo é hoje simplesmente caso natural e vulgar. O leitor conhece decerto esses elegantes barquinhos que dos estaleiros da Companhia Thornycroft inundaram os mares e tantos serviços prestaram perseguindo submarinos. Conhece-os porque vieram mesmo ao nosso Tejo esses «C. M. Bs.» como conhece tambem, se ao «sport» se dedica, os «Mirandas IV» detentores do triunfo mundial da velocidade. Pois foram eles os grandes amigos da Europa na guerra desleal submarina. A esquadra dos «mosquitos», tal o nome que mereceram pela sua pequenez aparente e pelo poder do seu ferrão, foi creada desde o começo de 1916.

Já na guerra russo-japoneza algumas unidades russas foram avariadas e afundadas graças a esses pequenos navios. E' que eles teem o torpedo e a espantosa velocidade que lhes permite atacar e fugir sem que possam ser eficazmente perseguidos. Só um inimigo se lhes ousou pôr defronte, o aeroplano e o hydroavião. Mas mesmo d'esses eles conseguiram muita vez eva-tir-se. Uma das nossas gravuras mostra como o «C. M. Bs.» Thornycroft sulcava o mar para com inaudita velocidade se pôr a coberto do risco de ser alcançado.

*O automovel do mar. — Os seus serviços e a sua utilidade. — Thornycroft benemerito da humanidade.*



A casa de governo d'um «C.M. Bs.» de 55 pés



Um «C. M. Bs.» fugindo a um aeroplano. (Fotog. tirada por um aviador germanico)

desenvolvimento que se vinha dando aos «destroyers».

O programa era difficil: construir o mais pequeno barco que pudesse levar um torpedo e que tivesse um pezo que não devia exceder os dos vulgares gazolinas de 30 pés. A velocidade não poderia ser inferior a 30

nós para este poder ter todas as probabilidades de exito. Vencidas mil difficuldades sobre a colocação do torpedo, alojamentos, etc., a construção começou a fazer-se com toda a rapidez e successivamente foram sendo mandados para as bases Harwich e Dunker. Tendo apenas a bordo dois officiaes, dois mecanicos e um telegrafista apoquentavam constantemente a costa inimiga, tendo uma parte importante no ataque a Zeebrugge.

A rapidez com que estes barcos podem atingir a sua maior velocidade que é maior do que a da maioria dos «destroyers» favorecia-os muitissimo para fugirem dos alemães depois dos ataques.

Hoje os barcos automoveis estão sendo adoptados a serviços de recreio, havendo já alguns amados em lanchas cruzadoras, tendo-se aproveitado o espaço destinado aos mortiferos torpedos para commodos beliches e confortaveis sofás. Eminentes officiaes aviadores dizem que «voar não é nada» comparado com o prazer de navegar nos «C. M. Bs.» da Companhia Thornycroft.



Uma corrida de experiencia



Um «C. M. Bs.» em grande velocidade

# ATUALIDADES



Visita do Sr. Presidente da Republica ao Coiegio Militar da Luz. — («Cliché» Serra Ribeiro)



O 12 de outubro no Porto. O sr. tenente-coronel Malheiro lendo o seu discurso.



Em Evora. O sr. Sá Cardoso no cortejo.



O luze «Maria Helena».

Representam as nossas gravuras a reportagem da visita de S. Ex.<sup>ta</sup> o Sr. Presidente da Republica ao Colegio Militar da Luz e a visita do sr. presidente do ministerio a Evora, onde houve por essa ocasião grandes festejos.

Nas outras vêem-se os festejos de 12 d'Outubro no Porto, o sr. ministro da guerra colocando a medalha da Torre e Espada na bandeira do regimento de infantaria 31 e o sr. tenente-coronel Alexandre Malheiro lendo o seu discurso ao sr. ministro da guerra.

As duas restantes são a comissão tecnica do Bairro Social de Alcantara, cuja primeira pedra foi ha dias lançada pelo Sr. Presidente da Republica, os srs. Engenheiro Virgilio Preto e arquitétos Miguel Nogueira e Deolindo Vieira e o lançamento do luze «Maria Helena» de 350 toneladas, construido nos estaleiros da Empreza de Construção Naval Algarve, de Olhão, e lançado ao mar no dia 12-d'outubro.

E' o navio de maior tonelagem construido até hoje n'aquela laboriosa vila.

E assim se relatam as atualidades da semana.



As festas de 12 de outubro no Porto. («Clichés» J. Sousa).



Em Evora. O sr. Sá Cardoso ouvindo a leitura da moção. («Clichés» Serra Ribeiro).

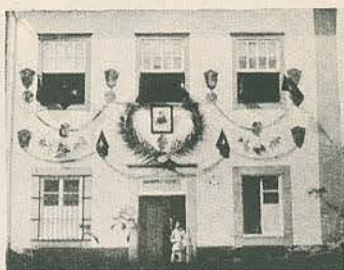


A comissão técnica do Bairro Social d'Alcantara.



A esquadra americana surta no Tejo. — («Cliché» Serra Ribeiro).

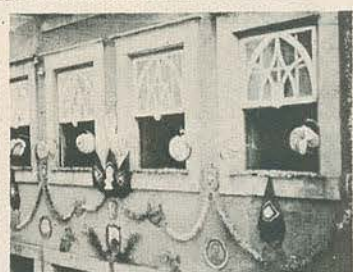
O 5 DE OUTUBRO NAS PROVINCIAS



NA REGUA.—Ornamentação da administração do concelho.



REGUA.—Asilo José Vasques Osorio.— («Clichés» do sr. Antonio Teixeira).



NA REGUA.—A ornamentação do jornal «5 de Outubro».



NO PORTO.—Chegada do cortejo civico ao cemiterio do Repouso.— («Clichés» do sr. J. Sousa).



NO PORTO.—No quartel da guarda republicana. Grupo de senhoras e contemplados do bodo.



NO FUNCHAL.—Os promotores dos festejos e o corpo de Policia («Clichés» dos srs. M. C. Perestrelo & F.º).

Não só em Lisboa a data do aniversario da Republica foi muito festejada. As nossas gravuras dão alguns aspétos do que elles foram pela provincia, onde o entusiasmo não foi menor. Na Regua inaugurou-

se um asilo. No Porto com cortejos, houve bodos e no Funchal tomou a iniciativa o corpo de Policia. Exultou a alma dos patriotas e tiveram os pobres contemplados o seu dia festivo tambem.



Maravilhosa Descoberta Indiana  
Aplicada á sciencia Moderna  
Unico e Infalivel

Remedio contra o vicio da

**EMBRIAGUEZ**

PREPARADO NOS LABORATORIOS DA EMPRESA  
GUARASSU  
PELO FARMACEUTICO  
M. BRAZÃO

Este prodigioso medicamento que se propõe a regenerar a sociedade do seu maior flagello, que é o alcoolismo, é apresentado em quatro formulas distinctas: Vinho, Vinho fino, Aguardente e Licôr. Escolhendo entre estas a bebida predileta do doente, o resultado será absoluto.

DEPOSITO GERAL: PHARMACIA INTERNACIONAL  
Rua do Ouro, 228 - LISBOA

1841

1919

# A Casa DUN

fornece ha 78 anos

INFORMES  
COMERCIAES

sobre todas as casas do mundo.

LISTAS

de fabricantes, exportadores e importadores de qualquer artigo.

CARTAS DE  
APRESENTAÇÃO

gratuitas para todas as suas sucursaes.

**NUNCA** fez outra coisa e a sua razão social **SEMPRE** tem sido

## R. G. DUN & Co.

Fundada em New York em 1841

**245 SUCCURSAES** nas cinco partes do mundo

*10 succursaes proprias na Peninsula*

Central para PORTUGAL: 103, Rua do Comercio-LISBOA  
Sucursal: 10, Rua do Almada-PORTO

**M. FONT**

Director geral para a Europa Occidental




**A. MASCARÓ**

Director para Portugal e Colonias

1919

1841



**DOENÇAS DE PEITO**  
TOSSE, GRIPES, LARYNGITE, BRONCHITE,  
RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPO

**PULMO SERUM**  
BAILLY


*Sob a influencia do "PULMO SERUM"*  
A tosse socega-se immediatamente.  
A febre desaparece.  
A oppressão e as punçadões na ilharga socegam-se.  
A respiração torna-se mais facil.  
O appetite renasce.  
A saude reaparece.  
As forças e a energia recobram vida.

EMPREGADO NOS HOSPITAES, APRECIADO PELA MAIORIA  
DO CORPO MEDICO FRANÇEZ.  
EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

**MODO DE USAR-O**  
*Uma colher das de chá pela manhã e pela noite,*

**Laboratorios A. BAILLY**  
15, rue de Rome, PARIS



# SIFILIS — COMO CONHECE-LA?

E' A ANALISE DO SANGUE o meio geralmente conhecido, usado e preconizado para se conhecer se realmente se tem contraído a sifilís. Apesar d'isso, porém, não é raro a analise feita a um autentico sifilítico dar negativa, por a doença não estar em evolução franca, ou para melhor comprehensão, estar embuscada.

Pois ha uma forma muito mais pratica e extremamente comoda, sem os inconvenientes que traz a extracção do sangue aos fracos de animo e nervosos, que é o tomarem a titulo de experiencia alguns tubos de *Depurato*. Se tiverem as triviaes tonturas de cabeça, dores, pesadelos, manchas ou ferides pelo corpo, e tantas outras manifestações da sifilís e ellas tenham origem nessa doença, *hão de fatalmente* abrandar e desaparecer por completo, com a continuação do tratamento pelo *Depurato*. Se, pelo contrario, ellas persistirem, então o mal é outro, e outro deverá ser tambem o tratamento, devendo

**Depositarío geral em Lisboa**—Farmacia J. Nobre, 109, Rocio, 110. A' venda no **Porto**, na Farmacia Dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 44. Em **Coimbra**, Drogeria Marques, Praça 8 de Maio, 35 e 36. Em **Braga**, Farmacia dos Orfãos, Praça Municipal. Em **Evora**, Drogeria Martins & Mata, Rua João Deus, 64. Em **Setubal**, antiga Casa Supardo. Em **Tomar**, Farmacia João Torres Pinheiro & C.<sup>a</sup>. Na **Figueira da Foz**, Farmacia Sotero.

Cada tubo para uma semana de tratamento, 1\$25; 6 tubos, 6\$30. Pelo correio, porte gratis para toda a parte.

Depositarío nos **Açores**, Farmacia Camara, Em **Loanda**, Farmacia Dantas, Valadas & C.<sup>a</sup> e em todas as boas farmacias e drogarias.



**Conklin's**  
Caneta-Fonte  
de  
Encher-Automatico

**A Razão da Garantia**

As Canetas de Fonte de Conklin com Enchedeira Automatica garantem-se sem reserva para dar satisfação ao fizez ou ficais autorisado para retornar-lhe o seu dinheiro sem vacillação. Com prazer vos reembolsaremos. Isto supporta inteiramente a penna superior que fabricamos.

Porém a garantia apenas se é necessaria, porque cada Caneta Conklin com Enchedeira "Crescent" inspecciona-se cuidadosamente antes que saia da fabrica. De feito, em um periodo de um anno e meio, sómente oito pennas fôram-nos devolidas baixo esta garantia.

**Vende-se Promptamente**

A Penna Conklin annuncia-se extensamente em todo o mundo. Em toda a parte a gente pergunta pela Conklin com Enchedeira "Crescent"—a original neste classe.

As Canetas Conklin garantem-se contra o deterioro por causa do clima. Deveis ter na vossa loja uma boa existencia escolhida. Escreva-se-nos pedindo circulares, preços e informações completas acerca dos impostos, tarifas, custo de embarque, etc. A importação é facil de arranjar. Escreva-se-nos hoje mesmo.

**THE CONKLIN PEN MFG. CO.**  
Toledo, Ohio, E. U. A.  
Endereço Telegraphico: "Conkpen"

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS  
fazem-se nas Oficinas de "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"  
LISBOA  
Rua do Saeulo, 43

**Klidina**

**XAROPE**  
DE  
**IODO E GLICEROFOSFATOS ASSOCIADOS**  
para tratamento das

**CREANÇAS**  
raquiticas, escrofulosas, linfaticas

Substitue o Oleo de Figados de Bacalhau e o Xarope Iodo Tanico, com a vantagem de ter sabor agradabilissimo.

E' a medicação propria dos climas quentes

**FORTALECE AS CREANÇAS**  
**ABRE-LHES O APETITE**

Todas devem tomar  
a

**Klidina**

PEDIDOS A  
**DAVITA, L. DA**  
63, RUA EUGENIO DOS SANTOS  
LISBOA

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de J. DA SILVA GRAGA, Limit.ª

Director: AGACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Século, 43—Lisboa



## TUDO CONTENTE



Liberdade, liberdade,  
 Quem a tem chama-lhe sua;  
 Ora até que finalmente  
 Fui para o olho da rua!



## PALESTRA AMENA

## 1.ª e 2.ª ordem

Não vamos tratar aqui da justiça ou injustiça da causa barbeiral, que ou-trem, tão engraçado como nós, comenta com apropriados remoques, sem que também se pronuncie sobre a razão ou não-razão da mesma causa. Por diferente prisma vamos encarrar o momentoso assunto, que, digamo-lo desde já, não nos toca de perto nem de longe, já como freguês de barba, já como freguês de corte de cabelo da cabeça, por isso que aquela a fazemos a nós próprios desde que os pelinhos nos começaram a apontar na mimosa face, e este encontra-se ausente ha uma boa dezena de anos, reduzindo-nos ao interessante estado de careca, que ora gosamos.

Se abordamos o assunto, sem cuidarmos se um sr. official de barbeiro pode prover ás suas necessidades com menos de dois escudos ou dois escudos e cinquenta centavos por dia, segundo pertence a estabelecimentos de 1.ª ou de 2.ª ordem, e sem cuidarmos igualmente se vinte centavos será paga demasiada d'uma rapadela de queixos e cincoenta centavos d'uma tosquia de cráneo, é que muito nos intriga aquela classificação dada aos referidos officios e respectivas lojas—de 1.ª e 2.ª ordem.

Na verdade vos dizemos que não sabemos como, para efeito da nova tabela ou para outro qualquer, se poderá determinar que tal estabelecimento pertença a classe superior ou inferior á de outro. Referir-se-hão as duas ordens ao maior ou menor luxo da casa? E' possível, mas se n'uma casa de luxo o artista der o seu «gatasio» ao freguês, enquanto que n'uma casa modesta outro artista executi a obra sem o menor defeito, evidentemente de 1.ª ordem é a casa modesta e de 2.ª ordem a de luxo.

Será então, de 1.ª ordem, a loja em que os barbeiros se mostrem mais peritos do que as de outras lojas? Mas como ha de o interessado, isto é, a vítima, saber que o artista é perito sem que antecipadamente o experimente?

Depois, a verdade é que n'um regimen de igualdade não se compreende que haja diferenças de classificação, ou, a have-las, a democracia daria o primeiro lugar, não aos estabelecimentos burguezes ou aristocraticos, mas precisamente aos que fossem frequentados pelos humildes, aos que se salientassem pela simplicidade do mobiliario e ausencia de perfumes. Ora, não nos parece que sejam estas as bases da classificação a que aludem os jornais, de modo que se não estamos em embaraços, pelos motivos apontados, muita gente n'eles se encontrará quando se quizer ir barbear ou cortar o cabelo por determinado preço, não sabendo se a casa em que ent a leva o maximo ou o minimo da tabela.

Eis o mal. O remedio estaria em ha-

ver apenas uma classe de lojas barbeirais, com um preço unico, o que, afinal, seria a solução mais corrente porque, sejam de 1.ª ou de 2.ª classe, d'aqui em diante todas elas veem a levar a mesma coisa a quem tenha de as frequentar: coiro e cabelo.

J. Neutral.

## Podridão

Cá temos outra: anda toda a gente aos berros porque nas fabricas do guano se venda a comerciantes, para revenda ao publico, generos avariados!

Mas, ó senhores: então os generos que saem das fabricas de guano, para onde entraram precisamente por se encontrarem em deterioração, haviam de estar em bom estado?! Queriam os senhores, por exemplo, que o bacalhau pôdre saisse de lá convertido em bons salmonetes para a grelha, a vaca em decomposição transformada em belos bifés de cebolada, a urina em agua de colonia, etc.?

E' bom que sejamos exigentes, mas não tanto. A policia farta-se de cumprir com o seu dever mandando uma vez por outra inutilisar generos a que chama «impropios para o consumo», não constando que meta na cadeia as pessoas que os vendem — no que faz muito bem, porque comercio é comer-



cio; mas d'aí a querer que ela obrigue os empregados das fabricas de guano a desinfectarem os generos tão perfeitamente que fiquem como novos, vai um abismo de intolerancia e de desconchavo.

De mais, os generos que saem avariados das fabricas, mais tarde ou mais cedo vão servir de adubo ás terras e alimentar criações pujantes de vida; isto é, a transformação sempre vem a fazer-se, de modo que nada se ganha em antecipal-a.

Ora pois, comam da tal coisa e callem-se, que é melhor.

## Superioridade portuguesa

Causou grande sensação em Espanha o facto do escritor Perez Galdós se ver obrigado a vender o seu «chalet», para viver. Felizmente é uma coisa que não se pôde dar em Portugal.

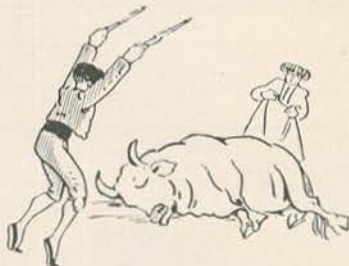
— Porque os escritores vivem com desfago?

Não, senhores: porque não teem «chalets», nem coisa que se pareça.

## Que barbaridade!

Somos dos que condenamos, por barbaras, as touradas espanholas, espectáculos de sangueira que não se explicam nos nossos tempos, mas o cumulo da barbaridade é o que acaba de se dar entre nós, n'um pateo do lavrador Alves do Rio, onde foi morto um touro pelo *espada* Gallito, seguindo-se algumas peripecias de indignar as pessoas menos sujeitas a irritações.

Copiamos d'um jornal que nos merece todo o credito: «O sr. Alves do Rio, depois da *tenta*, ofereceu aos seus



convidados a lide da morte d'um touro, de que se encarregou *Gallito*, com a maior pericia. Esse touro foi morto picado por *Cuco* e *Ponterets*...

Que picassem o bicho no estado de vivo, era de censurar, mas, emfim, a nossa sensibilidade transigiria; mas depois de falecido, eis o que excede toda a ferocidade, além de mostrar escassa dextreza por parte dos bandarilheiros, porquanto cá estamos nós, que não nos temos por valentes e quasi todos os dias metemos o garfo e a faca em carne de boi, embora lhe chamem vaca.

Tem a palavra a Sociedade Protectora dos Animaes, para ensinar esta gente a respeitar os cadaveres.

## Torre de chifre

## Adeus!

Adeus para sempre, adeus,  
O' meu amor perfeito!  
Nunca mais os olhos teus  
Lançarão no meu peito  
Os raios do sol tão meus!

Vou para sempre partir  
E tu não vens comigo;  
Agora para onde hei-de ir  
Que tenha aquele abrigo  
Do teu formoso sorrir?

Escrever-te-hei bastas vezes,  
Mas cartas são papeis  
Não mitigam os revezes  
Dos corações fieis  
Que se amaram muitas vezes

Oxalá quando eu voltar  
Te encontre com as mesmas idéas  
Que tivestes quando ao luar  
Ouvimos cantar as sereias  
A' borda espumosa do mar!

A. Figueiredo Sola.



**Cá está o Marques**

Teem-nos escrito numerosos leitores perguntando pelo nosso Marques, pois que o silencio do grande homem lançou em aflitos cuidados os seus vinte milhares de admiradores. Descansem: o Marques continua de boa saúde e ainda ha pouco deu sinal da sua pessoa, explicando ao filhinho mais novo o motivo porque os peixes morrem fóra d'agua, facto que trazia intrigada a referida criança, que conta apenas 18 anos, e sai ao pai, na intelligencia.

O Marques, explicando:

—Olha, rapaz, os peixes, saindo do seu ambiente proprio zangam-se, como é natural e já debes ter notado. Uma vez em terra, põem-se aos saltos desordenadamente, batem com a cabeça no chão — e pronto, segue-se a congestão cerebral que os victima fatalmente...

**Limpeza ferro-viaria**

Não ha ninguem que não seja possuidor de qualquer coisa que o moleste, muito ou pouco e de que não possa ver-se livre facilmente; pois bem: ha um meio infalivel de alienar o que o incomode e vem a ser o dirigir-se á estação de caminho de ferro mais proxima e de expedir a remessa para qualquer outra estação. Em cem vezes contra uma desembaraça-se de vez do volume ou volumes, segundo se depreende da leitura dos jornais e segundo algumas experiencias a que procedemos no tempo em que a Companhia dizia que se responsabilisava pe-



las remessas, que não agora, em que declara que d'aí lava as suas mãos.

Em muitas outras coisas podem censurar a mesma Companhia (que é, digam o que disserem quem deve responder pelos seus funcionarios) mas n'este, não; servicinho mais perfeito, não cremos que haja nem mesmo em Espanha, onde, como podem testemunhar muitos portuguezes, ele se encontra adiantadissimo.

Ultimamente, no Sul e Sueste, parece que foram descobertos alguns dos cavalheiros que se empregavam na referida limpeza; temos, porém, esperança, de que a perseguição não alastre em demasia e de que continuemos a contar com o desaparecimento dos

**EM FOCO****Actriz Emilia de Oliveira**

*Chegou-lhe agora a vez, dona Oliveira,  
De gramar um soneto superfino,  
Como deusa do templo vicentino  
Onde eu rezo com crença verdadeira.*

*Tambem como mulher não é asneira  
(Desculpe este dizer de pouco tino)  
E assim, se faça preces ao divino  
Ao profano as farei de igual maneira,*

*Quero dizer com este arrazoado  
Que se tenho suado as estopinhas  
A's palmas, quando a vejo no tablado,*

*Fôra de scena afirmo n'estas linhas  
Que era capaz de dar-lhe, entusiasmado,  
Inda mais do que palmas: palmadinhas...*

BELMIRO

nossos objectos, porque é sempre preferivel uma certeza, embora ás vezes desagradavel, a uma incerteza incomodativa.

**Casse-tête**

Tambem queremos dar a nossa opinião sobre a tradução que mais convem á palavra *casse-tête*, applicada á arma policial moderna: procurem n'um dicionario castelhano e adoptem o termo com que os nossos visinhos designam qualquer pau. Como energia não ha melhor.

**Santa palavra**

Frase do deputado sr. Antonio José Pereira, relator do projecto concedendo aumento de vencimento aos ministros: «Desejaria que fossem aumentados os vencimentos de todos os funcionarios, ainda que fosse necessario reduzir os quadros; se o pudesse fazer, propria tambem a redução do numero de legisladores».

Isso, isso!

**Marca significativa**

Aquela engraçadissima Companhia dos Tabacos, que anda a reinar com o proximo ha uns poucos de mezes, teve agora uma *piada* de primeirissima: anuncia, em grandes letras, uns cigarros havanos a que poz o nome de «cigarros Job», como sendo a melhor marca do mercado.

Ora, a melhor marca não será, porque todas elas são frescas; mas o que é, sem duvida, é a mais humoristica; com ela quer a companhia dizer que está pobre como Job e que pede pelo

amôr de Deus que lhe fumem o referido tabaco, para ela poder viver.

Tambem a designação Job pode ser uma alusão aos viciosos que não teem forças para deixar de fumar e que por



isso estão pobres como Job; n'esse caso a designação biblica não é ironica, mas sabia, pois que, segundo os melhores interpretes do Velho Testamento, aquele patriarca chegou a sustentar-se de esterco, tal como hoje acontece a muitos fumadores, que o absorvem, metaforicamente falando.

**Limpezas**

Final, nos entrepostos da Exploração do Porto de Lisboa, não se cometeram furtos de grande vulto: apenas, como os jornais relatam, peças de fazenda, meias, chavenas, pratos, garrafas de Cognac, Benedictine, Champagne, Vermouth, relógios...

E', pois, falso, que tenham sido roubadas as docas, as dráguas e os paquetes, como primeiro constou. E é que não perdemos esta mania de exagerar tudo!

# Telegrafos portugueses



Rocha Vieira

—É um telegrama a felicitar pelo nascimento do pequeno?  
—Não: é a felicitar-nos pelo nosso casamento. Foi expedido ha 10 mezes.